



UEPB

**CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

LINHA DE PESQUISA: Geografia da percepção e de fenomenologia

JACIELE CRUZ SILVA

**UM GALOPE NO TEMPO E NO ESPAÇO DO NORDESTE BRASILEIRO: A
VAQUEJADA E SUAS METAMORFOSES**

GUARABIRA/PB

2016

JACIELE CRUZ SILVA

**UM GALOPE NO TEMPO E NO ESPAÇO DO NORDESTE BRASILEIRO: A
VAQUEJADA E SUAS METAMORFOSES**

Trabalho de Conclusão de Curso em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Área de concentração: Geografia.

Orientador: Prof. Ms. José Otávio da Silva.

GUARABIRA/PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como na eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição, e ano da dissertação.

S586g Silva, JacieleCruz

Um galope no tempo e no espaço do Nordeste brasileiro: [manuscrito]: a vaquejada e suas metamorfoses. / Jaciele Cruz Silva. – 2016.

46 p.: il.

Digitado

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2016.

“Orientação: Prof.Ms. José Otávio da Silva, departamento de Geografia”.

1. Vaquejada. 2. Rural. 3. Urbano. 4. Capitalismo. I. Título.

21. ed. CDD 306

JACIELE CRUZ SILVA

**UM GALOPE NO TEMPO E NO ESPAÇO DO NORDESTE BRASILEIRO: A
VAQUEJADA E SUAS METAMORFOSES**

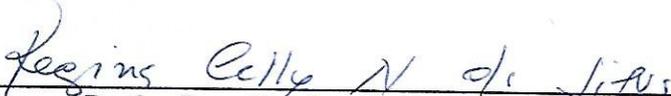
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Programa de
Graduação em Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciatura em Geografia.

Aprovada em: 20/10/2016

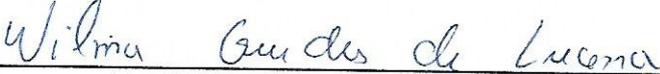
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. José Otávio da Silva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Regina Celly Nogueira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Wilma Guedes de Lucena
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A Deus, aos meus Pais, a Jacielton, a
Sérgio, Familiares e Amigos. A Nininha
Cruz e Edésio Francisco (*In Memória*)

Dedico...

AGRADECIMENTOS

Primeiramente àquele que criou o mundo e a mim: Deus.

Aos meus Pais, José Edézio e Graça Cruz, meu exemplo maior, por me proporcionarem uma vida digna, que sem medirem esforços me deram todas as condições possíveis para chegar até aqui.

A Jacielton, meu único e estimado irmão, o qual o admiro e amo-o incontestavelmente.

A Sérgio, um dos maiores presentes que Deus me deu e que é um porto seguro, onde sempre encontrei motivação e apoio.

A Mônica e Marcos, que sempre me deram todo aparato necessário e que considero como meus Pais.

A Mariazinha, Dé e Teté que sempre me deram estadia para que pudesse ir às aulas de campo.

A Risolene, minha "irmã", por estar em minha vida e me ajudar sempre que precisei.

A Tia Nininha (*In Memória*), a quem devo muito por me ter introduzido e levado às vaquejadas. Também me deixou um enorme aprendizado e quando estava viva era um exemplo pra mim.

A Risoclécia e Israel, meus compadres, pelas diversas vezes que me levaram para as festas de vaquejada e ajudas concedidas para pesquisas de campo.

A José Aquino (Vovô Dedé), o "primeiro vaqueiro" que tive contato, que através da sua experiência de vida me ensinou/ ensina muito do que eu sei, onde admiro e me encanto diariamente.

A Tio Ramo, minha companhia, amigo e professor quando se trata da vida e labuta com o gado.

Ao meu avô Edésio (*In Memória*) há quem eu muito amava.

A minha Família, que é meu esteio.

As minhas irmãs de pais diferentes: Girlene Souza, Renata Souza, Helena Araújo, Danielli Rodrigues, Lurdinha Guilherme e Adryelly Gomes, desculpem os abusos e muito obrigada por não me deixarem desistir desse sonho. Amo vocês!

A Otávio, pela paciência, competência, comprometimento, responsabilidade e respeito com que conduziu essa orientação, e pelo exemplo de professor e ser humano a ser seguido.

A minha amada e inesquecível TURMA 2012.2 tarde, a qual irei levar eternamente na lembrança.

Ao Programa PIBID e as pessoas que nele estavam envolvidas: Socorro, Roney, Fernando, Jamábia e Patrícia, assim como meus alunos, que me proporcionaram uma evolução e aprendizado humano e profissional jamais esperado.

Ao SESC e minhas companhias adoráveis: Danilo, Rayanne, Lidiane, Lívia, Ana Paula e Sílvia.

Ao colégio CSA-GEO, na pessoa do professor Nildo, que me ofereceu tantas oportunidades.

Aos meus professores de Geografia de ensino fundamental e médio: Luciana Adelino, Sérgio Ribeiro e Matusalém, que me fizeram “ver” uma geografia apaixonante.

Aos meus professores de Geografia na UEPB, onde cada um me deixou um aprendizado.

A Lucas Cavalcante, que foi um enorme amigo, me ajudou sempre que precisei e foi peça fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Por fim, mas não menos importante, a família VAQUEJADA! A cada amigo que consegui, a cada pessoa que me deu força e aqueles que lutam e amam a nossa cultura, a vocês o meu VALEU O BOII!

[...] Mas para quem tem pensamento forte
o impossível é só questão de opinião [...]

-CBJR

Resumo

O presente trabalho aborda a questão da transição da vaquejada, onde a mesma passou de um trabalho do homem simples do campo a um espetáculo de centros urbanos. Dessa forma, iremos mostrar como a vaquejada se aprimorou e modernizou-se ao passar do tempo. Com a inserção do capitalismo, bem como a dissipação das vaquejadas para novos horizontes, vieram consigo as melhorias na sua essência e generalidade, bem como a “elitização” nesse campo. Faremos essa abordagem no decorrer do texto, que está sequenciado e recortado de forma histórica. Paulatinamente, essa modalidade desportiva vem ganhando mais espaço entre competidores, admiradores e empresários que investem altos valores financeiros, trazendo inovações e aperfeiçoando as estruturas das fazendas/haras bem como no melhoramento genético do plantel de seus animais, e acaba por gerar centenas de empregos, direta ou indiretamente. Para compreensão do fenômeno optou-se em trabalhar teoricamente com autores que discutem essa transição do rural/urbano, tais como: HARVEY (2005); MAIA (2007); AIRES (2008); FÉLIX e ALENCAR (2011); SILVA (2013). Como procedimento metodológico optou-se por questões hipotéticas, onde o desenvolvimento foi por método qualitativo, priorizando por um processo de observação, como também, utilizaram-se metodologias embasadas em estudo de campo. Procuramos avaliar algumas das mais frequentes questões do tipo: como esses pátios conseguiram se modificar tanto? Como circula tanto capital? O que fazem para atrair tantas pessoas? Por fim, conclui-se que os aprimoramentos vieram para somar e deixar a vaquejada mais “modernizada”, mas, salvo o detalhe de que a cultura e a tradição continuam arraigadas na memória e cotidiano dos nordestinos.

Palavras-chave: Vaquejada. Rural. Urbano. Capitalismo.

ABSTRACT

This paper addresses the issue of transition from vaquejada, where it went from a work of simple country man to a spectacle of urban centers. Thus, we will show how vaquejada has improved and modernized the time. With capitalism's insertion as well as the dissipation of vaquejadas to new horizons, they came with improvements in its essence and generality, and the "elitização" in this field. We will make this approach throughout the text, that sequenced and cut to historical form. Gradually, this sport is gaining more space between competitors, fans and entrepreneurs who invest high financial values, bringing innovation and improving the structures of farms / horse farms and in breeding the breeding of their animals, and ultimately generate hundreds of jobs, direct or indirectly. To understand the phenomenon was chosen in theory work with authors who discuss the transition of rural / urban, such as: HARVEY (2005); MAIA (2007); AIRES (2008); FELIX and ALENCAR (2011), SILVA (2013) . As methodological procedure we chose to hypothetical questions, where development was by qualitative method, opting for a process of observation, as well, we used informed methodologies in field studies. We sought to evaluate some of the most frequently asked questions such as these courtyards managed to change so much? How much capital flows? What do to attract so many people? Finally, it is concluded that the improvements came to add and leave vaquejada more "modernized", but, except for the detail that culture and tradition are still rooted in memory and daily life of the Northeast.

KEYWORDS: Vaquejada. Rural. Urban. Capitalism

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 01- Vestimentas típicas do vaqueiro para pegar o gado na caatinga	21
IMAGEM 02- Começo dos Parques de Vaquejada, em meados do século XX.	28
IMAGEM 03- Parque de Vaquejada Francisco Félix.	28
IMAGEM 04- Show do cantor de Forró Mano Walter no Parque Francisco Félix.	31
IMAGEM 05- Vaquejada do Parque e Haras Ivandro Cunha Lima, etapa do Circuito Portal Vaquejada.	32
IMAGEM 06- Vaquejada do Parque Bemais, etapa do Circuito Paraibano	32
IMAGEM 07- Cartaz informativo da vaquejada do Parque Francisco Félix, local de abertura do circuito Estrelas do Brejo	38

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01- Atração pela vaquejada	26
GRÁFICO 02- A representatividade da vaquejada	27
GRÁFICO 03- Público frequentador da vaquejada	29

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01- Produção de segmentos agropecuários	38
--	----

LISTA DE SIGLAS

ABVAQ- Associação Brasileira de Vaquejada

ABQM- Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Quarto de Milha

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 REVISÃO LITERATURA	
2.1 A VAQUEJADA SOB UM OLHAR GEOGRÁFICO	18
2.2 A TRANSIÇÃO DO INTERIOR PARA OS CENTROS URBANOS	20
3 MATERIAIS E MÉTODOS	
3.1 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS	22
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	
4.1 A URBANIZAÇÃO DA/NA VAQUEJADA	23
4.2 A REPRESENTATIVIDADE DA VAQUEJADA PARA O DESENVOLVIMENTO NO NORDESTE	29
4.3 VAQUEJADA: SUA RELEVÂNCIA PARA PARAÍBA	33
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	
APÊNDICES	

1 INTRODUÇÃO

No transcorrer do tempo, o espaço geográfico sofreu acentuadas modificações em nível global, passando a ser visado como um bem de consumo, dessa forma, se tornou uma mercadoria. Nessa perspectiva, observamos que o modo capitalista de produção é incumbido de (re)produzir o espaço, transfigurando as suas diferentes formas de ocupação, produzindo a partir dessas, novos hábitos para a exploração de suas espacialidades, que englobam desde a cultura às tradições de uma sociedade.

Nesse contexto de “consumismo do espaço” e tradição de um povo inserimos a vaquejada, que é conceituada como fenômeno cultural e imaterial perante o nordeste brasileiro. Há inúmeros valores, de certa forma, muito mais sensíveis do que se possa imaginar arraigados nos costumes e heranças nordestinas, e o que assim faz com que a prática se torne uma manifestação social e popular.

A gênese da vaquejada teve início em meados dos séculos XVII, onde as grandes propriedades rurais não possuíam delimitações de cercas e o rebanho bovino era criado solto nas pastagens. Nas fazendas, a vacaria era encontrada em lugares semi-aberto, coberto com alguma vegetação, onde as reses costumavam proteger-se do sol, e os vaqueiros tinham de se dividir em bandos para conseguir dar conta do trabalho (MAIA, 2003).

Os proprietários do gado convidavam os vaqueiros, que eram homens valentes, com destreza e habilidade, vestidos com os seus gibões e montados em seus cavalos, que se “embrenhavam” no mato para capturar, contar e ferrar o rebanho, e nisto o patrão oferecia recompensas em troca do serviço prestado (MAIA, 2003). Para campear, os vaqueiros se comunicavam através de aboio, para informar aos colegas distantes. Ao entardecer, o comboio levava o gado para os currais da fazenda.

No decorrer do tempo foram se destacando alguns vaqueiros e começou assim a se realizar disputas. Primeiramente foram criadas as ‘pegas de boi’, como eram chamadas antigamente, e não tinham datas certas para acontecer, mas, o

período mais usual era o do inverno. Observa-se bem isso na fala de Barbosa (2006)

No final de cada inverno, quando se costumava remeter ao mercado os bois gordos do ano, reuniam-se os vaqueiros de varias ribeiras (fazendas) para "apartar o gado", separando os animais de propriedades diversas, ferrando os novos e curando de bicheiras os doentes (BARBOSA, 2006, p.37).

Dessas "pegas de boi" despontou-se a "corrida de mourão", no qual muitos donos de fazendas foram promovendo algumas disputas, onde se pagava alguma taxa e esta era revertida em premiação. Tudo era muito rústico, sem conforto para os espectadores e possuía regras básicas, sem nenhum aparato ou tecnologia que pudesse ajudar no decorrer do festejo.

Com o transcorrer do tempo foram inclusos novos elementos que trouxeram um diferencial para as "corridas de mourão". Assim se deu a vaquejada, esporte tipicamente nordestino, onde dois homens montados cada qual em seu cavalo saem em disparada no encaço de um boi, no intuito de derrubá-lo em uma delimitação chamada de faixa, dentro de uma arena ou pátio.

Essas competições foram ganhando mais espaço e tendo um grande reconhecimento com o decorrer do tempo. Têm-se observado que o esporte vem passando por várias modificações ao longo dos séculos, pois a inserção do capitalismo fez com que houvesse uma transição interior *versus* centro, assim, tornando-se uma festa mesclada entre zonas urbana e rural. Com datas, programações de competições e campeonatos eventuais e devidamente marcados, as vaquejadas acontecem durante todo o ano.

Segundo Aires (2005)

Na vaquejada contemporânea, porém, as práticas dos vaqueiros, configuradas pela perspectiva do espetáculo, contemplam uma dupla finalidade: tanto servem para sua sobrevivência quanto para o seu divertimento, consideradas assim, como atividades também lúdicas (AIRES, 2005, p.18).

Com a modernização do/no campo foram criados novos lugares e percorridas novas fronteiras, assim como no fenômeno da vaquejada, que procurou caminhar com as inovações e tecnologias. Há tempos atrás, as vaquejadas eram atividades

caracteristicamente rurais, da lida do homem com o gado, mas hoje ela está inserida nas grandes cidades, sendo estas nordestinas ou não (SILVA, 2013). Para o autor supracitado, a vaquejada é um fenômeno, o qual mantinha sua forma no espaço, apresentando características rurais que, com o transcorrer dos séculos, sofreu transformações a partir do momento que passou a ser realizada próximo ao espaço urbano dos municípios.

Com base nessas informações, buscaremos elaborar uma relação e uma análise geográfica nas transformações sócio-espaciais que se deram a partir da década de 80 na vaquejada. Portanto, sai de seu espaço original, o sertão nordestino e se envereda nas trilhas das grandes cidades brasileiras. Com essas novas faces, vaqueiro e vaquejada vêm a ser estilizados, onde o vaqueiro se torna profissão e a vaquejada como atividade (*hobby*) por profissionais das vaquejadas dos finais de semanas.

Procuraremos responder a questões como: de que modo a Geografia pode estudar a vaquejada? De qual maneira podemos analisar a vaquejada e a sua forma de desenvolvimento espacial? Para respondermos a questionamentos do tipo e mais exatamente para defendermos a idéia de que a vaquejada também interessa à Geografia, traremos estudos que trataram da cultura desse desporto.

Este trabalho tomou como ponto de partida especificar a relevância da vaquejada para o nordeste brasileiro, elencar a geração de capital dentro do esporte e trabalhar a vaquejada como modificadora e consumidora do espaço. Nesse sentido, enfatizaremos a transição do esporte para as áreas urbanas, bem como mostrar como o apego a “terra” (local) que ainda estão arraigados nas tradições interioranas. Para o embasamento teórico dos dados coletados nos utilizamos das informações de HARVEY (2005); MAIA (2007); AIRES (2008); FÉLIX e ALENCAR (2011) de uma forma que pudéssemos questionar as fontes selecionadas no Parque Francisco Félix, na ABVAQ, na ABQM e nos sites relacionados.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A VAQUEJADA SOB UM OLHAR GEOGRÁFICO

No transcorrer do tempo, muitos geógrafos tem se dedicado a especificar e detalhar o espaço geográfico, no qual, possam explicar suas complexidades existentes. A acumulação do capital se destina a ser territorialmente expansível, e faz isso pela progressiva redução do custo e pela geração de benefícios. Harvey (2005) nos corrobora que

A acumulação é o motor cuja potência aumenta no modo de produção capitalista. O sistema capitalista é, portanto, dinâmico e inevitavelmente expansível; esse sistema cria uma força permanentemente revolucionária, que, incessante e constantemente, reforma o mundo em que vivemos (HARVEY, 2005, p. 43).

Para Silva (2012), a concepção de território está intimamente ligada à noção de uma base material sobre a qual se desenvolve relações de poder. No entanto, é valido destacar que, a partir deste ponto de vista, vários outros conceitos foram criados, a partir de desenvolvimentos diretos desta noção pelo acréscimo de novos elementos que redimensionaram esta visão. Desde modo, Harvey (2005) enfatiza que:

[...]o desenvolvimento da produção capitalista torna constantemente necessário o sustento crescente do volume de capital despendido num determinado empreendimento industrial, e a competição faz cada capitalista sentir as leis imanentes da produção capitalista como leis coercitivas externas. Essas leis forçam cada capitalista a manter constantemente o aumento do seu capital, para preservá-lo; no entanto, ele não consegue aumentá-lo, exceto por meio da acumulação progressiva (HARVEY, 2005, p.44 *apud* MARX, 1967, p.592).

A expansão e a concentração territorial são tidas ambas como produtos do mesmo empenho: de criar novas oportunidades de acumulação de capital. Certo tipo de relação centro–periferia surge da tensão entre concentração e expansão geográfica. É fundamental a análise do papel e da natureza que o território desempenha, bem como a sua soberania, seu poder e o fortalecimento ou enfraquecimento que por ora se atravessa.

Na verdade, a paisagem e o tipo de exploração do território e de organização das suas relações vão indicar os seus antecedentes e o processo de sua formação; a compreensão desse processo é fundamental

para a compreensão do estagio que esta sendo percebido, que é objeto de análise (ANDRADE, 2004, p.14).

A ligação do povo interiorano com a “terra” (local de origem) ainda está arraigada em suas tradições, porém, não com a intensidade de outrora, onde os hábitos, a cultura e os costumes eram bem característicos, podendo-se distinguir facilmente os habitantes, tanto do campo quanto da cidade. Diferentemente, hoje o interior estar cada vez mais modernizado. Andrade (2004) faz o seguinte comentário:

O Brasil é um país em ritmo acelerado de modernização; com o crescimento capitalista vem desenvolvendo-se a rede de estruturas facilitando os transportes e a comunicação. A facilidade de acesso a informações [...] fez com que certos hábitos e valores interioranos se fossem deteriorando e passassem a desaparecer, influenciados pelos hábitos e costumes urbanos (ANDRADE, 2004, p. 73).

Essas modificações exercem um choque sobre o espaço rural, passando a serem agregados novos valores e práticas. Esses impactos também acarretaram mudanças no âmbito da vaquejada, quando a mesma foi “transferida” para as cidades, ocasionando uma lógica própria, que é identificada nos seus costumes e peculiaridades.

A cultura popular não é apenas objeto de museu do folclore, que as camadas populares continuam produzindo seus objetos e manifestações culturais, de acordo com o presente, usando matérias e formas de expressão novas e se submetendo à novos condicionamentos sociais, econômicos e culturais. A nova vaquejada não significa a morte da tradição, mas a sua reinvenção, a sua recriação, como é característico dos processos culturais em todos os tempos (BARBOSA, 2006, p. 10-11)

A “nova” vaquejada não quer dizer que se pôs fim em sua tradição, mas sim, que ocorreu uma “metamorfose”, como característica dos processos históricos e culturais ao longo do tempo. Ou seja, o popular da vaquejada não se encontra em suas antiguidades peculiares, mas na engenhosidade de sua transformação e atualização com elementos tanto do passado como de elementos novos, exigidos pelas demandas do presente.

Atualmente, tem-se notado que em torno da vaquejada há uma especulação imobiliária, bem como os setores de entretenimento, se acentuam a cada dia (SILVA, 2013). Esse fato ocorre justamente pela valorização do local em decorrência

dos acontecimentos das festas, onde pessoas de outras localidades buscam hospedagem para os dias em que acontece o evento, por se tratar de ser mais cômodo ficar num local fixo a ter que se deslocar durante o período da festa.

Para superar barreiras espaciais e “anular o espaço pelo tempo”, criam-se estruturas espaciais, que, no fim, agem como barreiras contra a acumulação adicional. Essas estruturas espaciais se manifestam na forma fixa e imóvel de recursos de transporte, instalações fabris e outros meios de produção e consumo, impossíveis de serem movidos sem serem destruídos (HARVEY, 2005, p.53).

Nota-se que a vaquejada se recriou e se reinventou no que se diz respeito à questão cultural, em infraestrutura, nas regras e principalmente na questão do mercado financeiro. Constata-se que a mesma deixou de ser somente um trabalho rural, passando a agregar e comportar uma grande quantidade de pessoas de centros urbanos, tornando-se assim uma festa mais abrangente e mesclada quanto ao seu público.

2.2 A TRANSIÇÃO DO INTERIOR PARA OS CENTROS URBANOS

O novo modo de como se dá a vaquejada antes de ser reconhecida como esporte, e hoje profissão, como rege a lei nº 10.220, de 11 de abril de 2001, aprovada no Congresso e sancionada pela Presidência da República, só se fez notar a validade do desporto, e a cada dia que se passa lhe são atribuídos novos significados e valores, principalmente depois que se inseriu e foi notada pela sociedade, onde ganhou mais admiradores no decorrer do tempo.

A oficialização da vaquejada como um esporte tornou o evento ainda mais profissional, provocando modificações nas regras da competição. Essas modificações podem ser vistas através dos locais onde ocorrem as disputas, antes eram nos pátios das fazendas, hoje são em grandes parques construídos exclusivamente para esse tipo de atividade (FÉLIX e ALENCAR, 2011, p. 09).

Como bem enfatiza Menezes e Almeida (2006), a vaquejada já deixou de ser local, passando a abranger outras regiões, muitas vezes distantes, e que se obtém um grandioso público.

Os vaqueiros e os expectadores sertanejos vão chegando de todos os lugares, povoados, dos municípios circunvizinhos e outros mais

distantes. O deslocamento é realizado de várias maneiras de acordo com suas posses e a distância de sua residência ao local da festa. Quando a festa transcorre no mesmo município ou em áreas próximas, os vaqueiros fazem o deslocamento em animais, levando juntamente os cavalos que irão participar do evento sem carga. Quando a festa localiza-se em uma área mais distante os animais são transportados em caminhões (MENEZES e ALMEIDA, 2006, p,07).

Com o transcorrer dos anos, a vaquejada tornou-se “elitizada”, pois a inserção de capital e investimentos fez com que o nível e o padrão se elevassem. Como bem lembra Menezes e Almeida (2006) as vaquejadas são praticadas em parques localizados nas áreas rurais e nos centros urbanos, durante o dia ou a noite, acompanhadas de shows, sem os vaqueiros com seus trajes típicos¹ (imagem 01) tendo a participação de profissionais para a derrubada do boi.



Imagem 01- Vestimentas típicas do vaqueiro para pegar o gado na caatinga
Fonte: ABVAQ

Quando os pátios se dissiparam da zona rural, com eles também foram vários avanços. Hoje os pátios são equipados com arquibancadas cobertas, casa de shows, estacionamento, cidade do vaqueiro (lugar onde os vaqueiros estacionam seus caminhões e ali se acomodam), banheiros e pista com excelente infra-

estrutura, além das regras e premiação. Félix e Alencar (2011) nos trazem outro ponto: as diferenças nas relações de trabalho entre o vaqueiro e seus patrões, se antes era o vaqueiro e o fazendeiro, hoje ocorre entre o vaqueiro e um empresário.

Com isso, faz-se necessário que o competidor invista em seus animais, no Haras/Fazenda e em sua estrutura. Nisso, a preocupação com o bem estar e a comodidade também prevalecem, pois muitos desses vaqueiros chegam a passar meses fora de suas residências, viajando de cidade em cidade.

O modo rústico de como eram transportados os cavalos anteriormente mudou e muito, já que antes estes eram levados caminhando pelas estradas até chegar ao seu destino. Hoje é muito comum de se ver em vaquejadas caminhões que são verdadeiras casas, denominadas de “gaiolas”, onde se tem desde um espaço climatizado (que serve como quarto) a cozinhas e área de receptividades para os amigos, sem abrir mão do conforto (REVISTA VAQUEIRAMA, 2014).

3 MATERIAIS E MÉTODO

O trabalho foi iniciado com uma exploração a referências bibliográficas, e objetivando-se atender as finalidades dessa pesquisa, foram utilizadas levantamentos e análises de dados, bem como uma pesquisa de campo realizada no Parque e Haras Francisco Félix, situado no município de Guarabira- Paraíba.

Alguns autores como: HARVEY (2005), que nos dirige as discussões sobre o espaço e os valores que lhe são atribuídos; MAIA (2007) vem enfatizar como a vaquejada vem se modernizando com o transcorrer do tempo; AIRES (2008) e FÉLIX e ALENCAR (2011) são responsáveis por dados relevantes para essa “nova face” da vaquejada e também vem nos ajudar a desenvolver o nosso campo reflexivo.

3.1 COLETA E ANÁLISE DOS DADOS

A priori, o trabalho partiu de questões formuladas hipoteticamente, onde se buscou apresentar resultados da pesquisa, traçando um desenvolvimento firmado no método qualitativo, optando por um processo de observação, como também, utilizaram-se metodologias embasadas em estudo de campo, proporcionando um melhor entendimento do fenômeno estudado.

Segundo Lakatos (2003)

A observação não é feita no vácuo. Tem papel decisivo na ciência. Mas toda observação é precedida por um problema, uma hipótese, enfim, algo teórico. A observação é ativa e seletiva, tendo como critério de seleção as "expectativas inatas". Só pode ser feita a partir de alguma coisa anterior. Esta coisa anterior é nosso conhecimento prévio ou nossas expectativas (LAKATOS, 2003, p. 97).

Sobre a pesquisa de campo, GERHARDT e SILVEIRA (2009), explicita que:

A pesquisa de campo caracteriza-se pelas investigações em que, além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se realiza coleta de dados junto a pessoas, com o recurso de diferentes tipos de pesquisa (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 37).

Foram criadas hipóteses as quais foram comprovadas pelo método empírico de pesquisa de campo, juntamente com o método de análise teórico documental. Assim, lançamos mão de teorias e documentos para embasamento das hipóteses e análises formuladas a partir das observações feitas nas vaquejadas e no PARQUE FRANCISCO FÉLIX, lócus da pesquisa.

Na pesquisa de campo, utilizamos perguntas abertas e fechadas, dirigidas aos vaqueiros que participavam do evento. Tomamos o percentual de amostragem de 10% das inscrições realizadas, no que totalizou 44 entrevistas concedidas, uma vez que, por se tratar de um levantamento exploratório e qualitativo, muitas das respostas obtidas iriam acabar por se replicar, o que levaria a um maior esforço no trabalho abordado.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 A URBANIZAÇÃO DA/NA VAQUEJADA

A expansão urbana foi dada por um acréscimo populacional, advinda do movimento migratório de pessoas situadas na zona rural. Esse fenômeno é explicado de forma sucinta pelo seguinte pensamento: as concentrações fundiárias aliada à modernização agrícola impulsionam para as cidades os pequenos proprietários e trabalhadores rurais, que não possuem condições de sobrevivência e de muitos dos seus valores culturais.

Esse tipo de urbanização faz com o que as terminologias campo x cidade, ou mesmo rural x urbano tornem-se cada vez mais confusas e até mesmo ilusórias, uma vez que os seus limites, as suas configurações são obscurecidas pelo desenvolvimento de suas heterogeneidades. O fato de as cidades assim urbanizadas apresentarem um alto índice de população urbana nas suas estatísticas, não significa que esta população esteja inserida numa economia urbana. Parte dos seus habitantes continua praticando atividades tipicamente rurais, seja no meio rural, seja dentro dos chamados espaços urbanos (MAIA, 1994, p.36).

Para Longo (2011), as várias imagens que podem existir e persuadir a concepção do meio rural pode-se dizer que, mesmo ensinados como opostos, evidentemente existem características que diferenciam o meio rural e o meio urbano, ao passo que também possuem pontos que os equiparam ou os fazem individuais. Nesse mesmo pensamento, Maia (1994) alega que

Diante do exposto, entende-se que a cidade, o campo e a própria relação entre eles, sofrem alterações contínuas. Realmente, já não se pode falar em uma cidade depender de um campo que a cerca nem da existência de dois modos distintos de organização espacial. A era urbana aparece na extensão da cidade sobre o campo, no crescente despojamento hábitos e costumes rurais e na própria industrialização da agricultura (MAIA, 1994, p.31)

As pessoas que migram, buscam manter seus costumes praticados na sua área de origem quando chegarem à cidade. Estes, muitas vezes eram: trabalhadores sem terra, rendeiros dispensados pela transformação das relações de trabalho ou também cidadãos que partiam em busca de melhor condição de vida. Essa origem rural manifesta-se na cidade na manutenção de costumes que se mesclam com a vida urbana. Assim se dá o processo da inserção de pessoas do campo nas cidades, fruto sucedido das migrações ocorridas.

Graças à cultura, cada um se projeta para o futuro e trabalha para criar um contexto melhor do que aquele presente. O mundo termina geralmente por assemelhar-se ao paraíso ou às utopias que os homens imaginam: seus valores enraízam-se, suas escolhas encontram aí sua legitimidade; o ambiente que moldam torna-se, assim, conforme as suas preferências e às suas aspirações (CLAVAL, 2007, p.13).

Continuando sua reflexão, o escritor afirmando que

A cultura é constituída de realidades e signos que foram inventados para descrevê-la, dominá-la e verbalizá-la. Carrega-se, assim, de uma dimensão simbólica. Ao serem repetidos em público, certos gestos assumem novas significações. Transformam-se em rituais e criam, para aqueles que o praticam ou que os assistem, um sentimento de comunidade compartilhada. Na medida em que a lembrança das ações coletivas funde-se aos caprichos da topografia, às arquiteturas admiráveis ou aos monumentos criados para sustentar a memória de todos, o espaço torna-se território (CLAVAL, 2007, p.14).

Sendo assim, vaquejada se mantém em sua forma tradicional no espaço, mas apresenta peculiaridades rurais que, com o passar do tempo, sofreram algumas transformações a partir do momento que passou a ser realizada próxima as zonas urbanas. O esporte hoje se tornou uma “ponte” para ligar pretérito e presente, pois guarda elementos de valores antepassados ao passo em que se reinventa atualmente.

Para compreendermos a produção e a organização do espaço, torna-se fundamental analisar quais são os agentes motivadores de toda essa transformação na vaquejada. Estes elementos, por sua vez, não aparecem de forma tão nítida, mas se faz presente através de um complexo processo de relações sociais de produção que englobam diversas condições. Dessa forma, observamos que junto à vaquejada foi agregado um novo aproveitamento no espaço, desde o momento em que adquiriu novas funções e, conseqüentemente, novas maneiras de se organizar no espaço com a inserção do capital.

Partindo desse pressuposto de tradição, analisaremos o caso da vaquejada, dando ênfase às transformações que a vaquejada sofreu, com a implantação do capitalismo. Levemos em consideração às relações existentes com o processo de (re)produção do espaço no município, pois, esse desporto para o nordestino retrata as ligações entre o ontem e o hoje, sendo esta considerada como uma festividade cultural que faz parte da história de vida do povo nesta região.

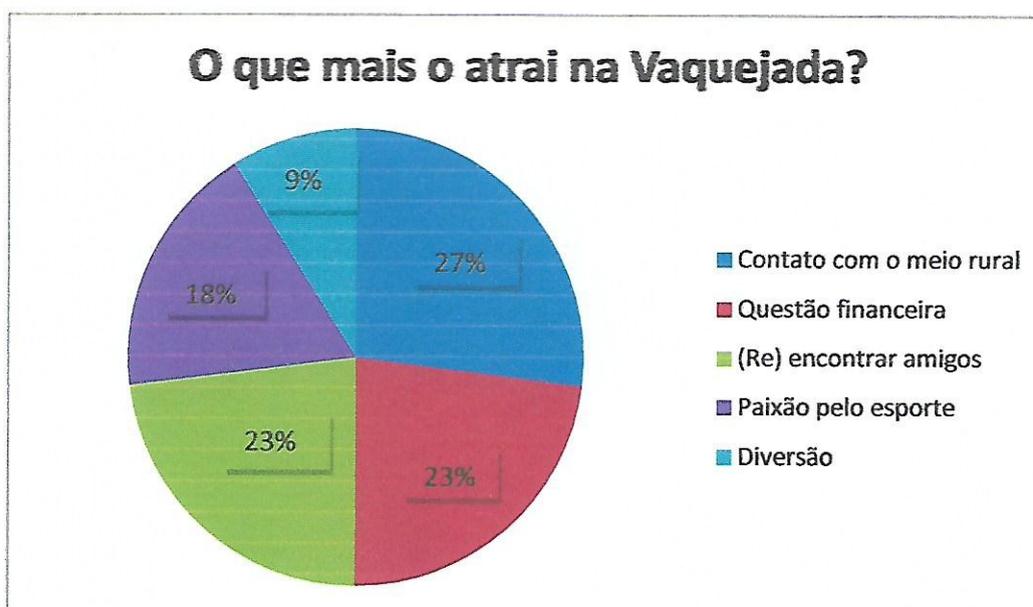
Diante disto, o cenário que representava a vaquejada e a figura do vaqueiro, nos tempos das marcações e apartações, não permaneceu inalterado. Uma dessas mudanças que ajudaram a vaquejada a desligar-se da apartação e tornar-se independente das atividades práticas ligadas ao pastoril deu-se pela introdução de novas raças de gado bovino no Brasil, associada a um novo modelo de criação: a pecuária intensiva, registrada nas duas primeiras décadas do século XX (BARBOSA, 2006, p.40).

A vaquejada era executada nos terreiros das fazendas e sempre era remetida aos serviços do campo demandadas pela apartação. Foi neste momento que surgiu a figura do vaqueiro de fazenda, que é trazido e conhecido pela literatura historiográfica e folclórica como herói do sertão. Sua proeza e habilidade pelas caatingas tornaram-se inesquecíveis pelos cordéis e pelos versos dos repentistas. O “status” dos grandes parques e da realização de grandes vaquejadas na atualidade cria a personagem do vaqueiro desportista.

A urbanização da vaquejada constitui-se num fato importante para entendermos, também, o papel dos parques de vaquejada, que não se definem apenas enquanto espaço que ritualiza um antigo “costume popular”, mas por tornar possível a concretização de uma nova forma de fazer vaquejada e “saber ser” vaqueiro (BARBOSA, 2006, p.21).

Em entrevista realizada *in loco*, no que concerne a questão cultural, evidenciando a vaquejada como expressão popular e elo entre o rural e o urbano, verificou-se que muitos dos desportistas veem a vaquejada pelo fato do contato com o meio rural, onde regressam a infância e relembram seus antepassados, como uma forma muito metódica e carinhosa. O gráfico 01 vem nos mostrar essa relação de contato com a vaquejada.

Gráfico 01- A atração pela vaquejada



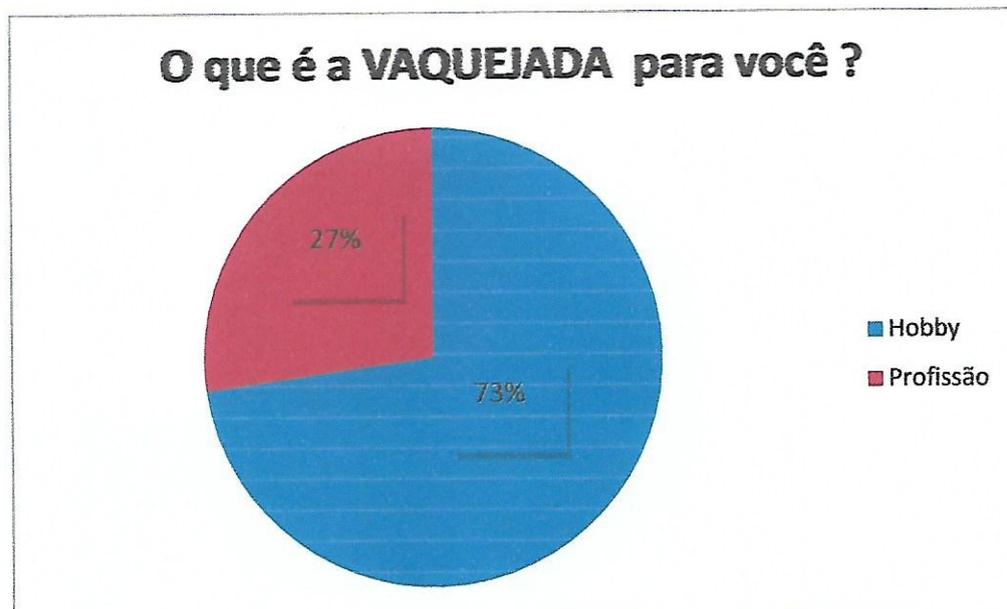
Fonte: Pesquisa de Campo

O desporto nordestino vem ser como uma “válvula de escape” para aqueles que residem nos grandes centros urbanos. A vaquejada se torna uma saída para a quebra do cotidiano, uma fuga do *stress* do trabalho e evasão para o local de origem. Ao mesmo tempo em que se torna uma escapatória, se cobre de significados e importância indescritíveis para frequentadores e adeptos.

Independente da natureza do evento, a festa está presente durante todo o ano na vida das pessoas. Em algumas cidades, as festas mobilizam até mesmo sua economia, atraindo turistas e gerando empregos. Além disso, as festas permitem a recomposição dos estilhaços que comumente marcam a vida cotidiana, desenhada pelos compromissos que reprimem mais do que libertam. A festa, assim, seria a abertura que provocaria uma nova configuração de espaço/tempo de convívio social (BARBOSA, 2006, p.75).

Vale ressaltar o detalhe que, mais de 70% dos entrevistados têm a vaquejada como um *hobby*, ou seja, só vão à festa para ter contato com os amigos, para se divertir ou para ter uma quebra no que se diz respeito a sua vida cotidiana. Vejamos o próximo gráfico (02), ele representa os que vivem como profissionais e aqueles que são atletas nos finais de semana.

Gráfico 02- A representatividade da vaquejada



Fonte: Pesquisa de Campo

O vaqueiro profissional, diferentemente daquele desportista, tem grandes chances de regressão social. Aquele que participa de eventos em finais de semana

vem acumulando bens adquiridos, por meio das premiações ofertadas. Muitos deles almejam um dia se tornar patrão, quer dizer, ser proprietário de: cavalos, caminhão para transportar a equipe para as vaquejadas e bons vaqueiros que garantam boas premiações (BARBOSA, 2006).

Todos esses elementos que chamamos atenção aqui não só tornam a vaquejada cada vez mais profissional, como também permite ao vaqueiro desportista gozar de boas condições para o exercício de sua profissão. O negócio da vaquejada, portanto, fala não só a respeito da vaquejada, mas especialmente de como esta e a própria figura do vaqueiro desportista expressam a noção de masculino nesse universo específico (BARBOSA, 2006, p.124).

Em um pretérito não muito distante, as competições ocorriam em áreas rústicas (imagem 02), improvisadas nos “terreiros” das fazendas e não dispunham de alguma comodidade ou segurança, tanto para animais quanto para humanos. As pessoas que se deslocavam para prestigiar a queda do boi, passavam todo o período em pé, recostando-se de alguma maneira ao longo do local, disputando o melhor lugar.

Atualmente se conta com parque bem estruturado (imagem 03) com medidas padrão regido por órgão específico. Sua pista é forrada com 40 centímetros de areia; tem seu comprimento de 160 metros, dos quais são distribuídos da seguinte forma: os 15 metros iniciais são da área de tolerância, os próximos 90 são para ajustar o boi, já que em seguida virá à faixa, com 10 metros, onde vale ou não o boi. Os 45 metros restantes são para a desaceleração do equino e saída do bovino (BARBOSA, 2006).

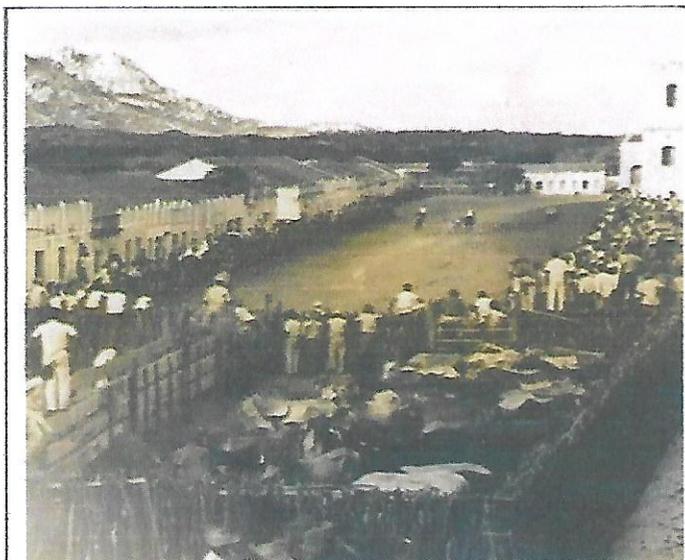


Imagem 02- Começo dos Parques de Vaquejada, em meados do século XX.
Fonte: ABVAQ



Imagem 03- Parque de Vaquejada Francisco Félix. Estrutura segue padrões estabelecidos.
Fonte: Arquivos da autora

A participação de diferentes faixas etárias é extremamente comum. São crianças, adolescentes, jovens, adultos e anciãos. Os vaqueiros mais “velhos” se expressam de uma forma descontente quando a sua idade ecoa, refletindo a sua possível retirada do esporte, devido às dificuldades impostas pelo tempo. Porém, a grande alegria dos mais “antigos” é ver a tradição sendo executada por seus filhos e o prazer de verem um herdeiro participando desta cultura.

A mídia e a tecnologia conseguiram inserir-se na vaquejada, através da exploração comercial. Se antes a inscrição era feita presencialmente, hoje conta-se com todo o conforto das senhas digitais. De acordo com o empresário Lucas Cavalcante

“As inscrições são feitas de 2 formas: 1 quando antecipada através de um site onde o competidor acessa o mesmo e escolhe o dia e o horário mais conveniente para apresentar, gera um boleto bancário e paga; 2- no evento mesmo tem uma equipe que é responsável só por fazer senhas”

Os mais variados meios de comunicação (rádio, revista, internet) também se apropriaram da vaquejada, de modo tal que, não só se tornou responsável pela popularização do esporte, mas pela própria redefinição do ser nordestino, quando o possibilita está mais “perto” do seu “rincão”, mesmo estando à milhas do local do evento.

Uma das perguntas mais relevantes da pesquisa de campo foi à seguinte: Para você, hoje, a vaquejada é mais urbana ou rural? Um montante de 50% respondeu que a população visitante é mista, ou seja, pessoas tanto do campo como da cidade compõem o corpo da festa, corroborando com nossa perspectiva. A seguir, veremos (gráfico 03) como ficou a porcentagem na integra.

Gráfico 03- Público frequentador da vaquejada



Fonte: Pesquisa de Campo

Nota-se que a vaquejada, apesar de todo o seu deslocamento e aprimoramento, não perdeu sua essência. O que houve foi à inserção de pessoas com estrutura financeira e visão capitalista, que fez com que a mesma se elevasse de um singelo trabalho a esporte, diversão, competição, emprego e *status*.

4.2A REPRESENTATIVIDADE DA VAQUEJADA PARA O DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

A vaquejada, que antes era realizada somente em períodos estipulados, hoje acontece com a maior frequência possível. Se a “corrida de mourão” passava pouco tempo acontecendo, a vaquejada “moderna” varia de 3 a 4 dias seguidos. Essa “modernidade” fez com que as fazendas deixassem de ser o lócus de toda a dinâmica social e as cidades -mesmo aquelas menores e menos expressivas-

começam a centralizar a vida econômica e social, a festa da vaquejada passa a ser também nas cidades (MAIA, 2003).

Não podemos deixar de reconhecer que a vaquejada hoje é uma atividade empresarial que está nas mãos, quase sempre, de pessoas que nada tem de povo, que os vaqueiros precisam ter certa condição financeira para comprar um cavalo ou uma senha, mas a corrida de boi ainda continua atraindo as camadas populares, tanto para praticá-la, como para assisti-la; só que estas camadas populares não são mais, majoritariamente, aquelas que viviam no campo, mas sim aquelas que moram nas grandes cidades e que recriam e re-elaboram um imaginário rural quando ocorre o evento da vaquejada, momento em que estes cidadãos se vaqueirizam (BARBOSA, 2006, p.10).

Antes, na apartação, os vaqueiros se encontravam para conversar, brincar e dançar, a festa era deles e para eles. Hoje, como bem cita Maia (2003), houve uma modificação nesse itinerário, onde o show reúne jovens movidos à música e bebida enquanto os vaqueiros disputam os prêmios. Esses shows sempre são executados por bandas e artistas que variam de nível local a renomados nacionalmente (imagem 04).



Imagem 04- Show do cantor de Forró Mano Walter no Parque Francisco Félix.
Fonte: Arquivos da Autora

Em março é comemorado o "Dia Nacional do Turismo" e nada mais para representar o nordeste como à vaquejada, que se mostra neste cenário como mola

mestre que impulsiona o turismo de eventos. Atrai pessoas, gera emprego e renda, além de manter viva essa cultural genuinamente brasileira. Na Paraíba, esse esporte vem se desenvolvendo devido as suas potencialidades, pela riqueza cultural, bem como pelos investimentos que nela são feitos.

Os Circuitos de vaquejada (que são conjuntos de vaquejadas que acontecem em parques de regiões vizinhas) são grandes atrativos turísticos. Eles são programados anualmente, e divulgados com aviso prévio, para que a população e os visitantes possam se programar para ir prestigiar a festa. A seguir veremos dois grandes eventos que estão inseridos em circuitos de vaquejada.



Imagem 05- Vaquejada do Parque e Haras Ivandro Cunha Lima, etapa do Circuito Portal Vaquejada, com R\$150 mil em prêmios.
Fonte: AVACG

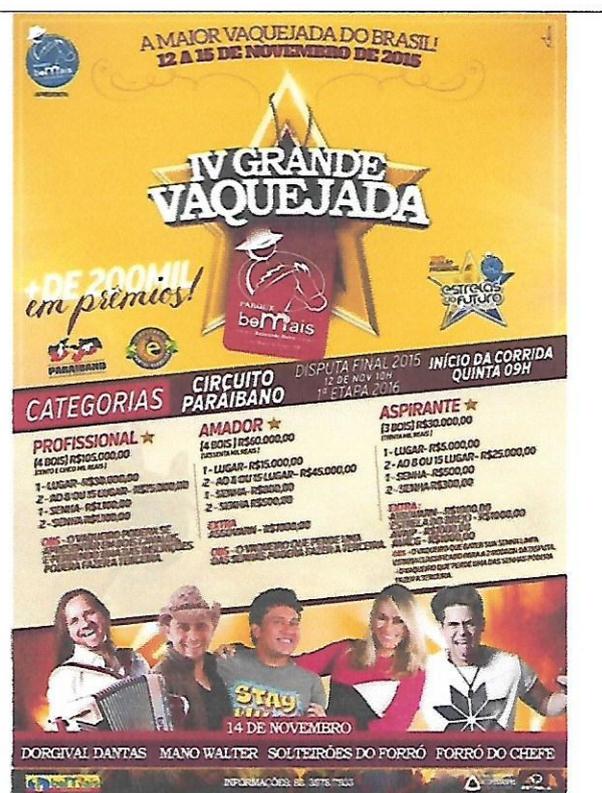


Imagem 06- Vaquejada do Parque Bemais, etapa do Circuito Paraibano, com R\$200 mil em prêmios.
Fonte: CIRCUITO PARAIBANO

Os Circuitos, tanto o Portal Vaquejada quanto o Paraibano, são a junção de grandes Parques de vaquejada, que cronogramam os eventos e estipulam os períodos a serem realizados. No decorrer desses eventos a circulação de capital gira em torno dos milhares de reais, chegando a mexer na dinâmica local.

A vaquejada hoje é o esporte mais tradicional encontrado na região nordeste, perdendo apenas para o futebol. Com pistas repletas de corredores, dá prêmios milionários, movimenta expressivos recursos em leilões, gerando milhares de empregos e incentiva o mercado de melhoramento genético das raças. Esse desporto rende cerca de R\$ 600 milhões e o seu movimento cresce cerca de 20% ao ano (TRIBUNA DA BAHIA, 2016).

De acordo com a ABQM, mais de 600 eventos são realizados por ano e reúnem centenas de vaqueiros. Nos últimos anos, as tradicionais festas vêm sendo um trabalho rendoso quanto se trata de capital, onde as premiações movimentam cerca de R\$ 14 milhões por anos. Atualmente os shows comportam uma média de público superior a 80 mil pessoas por noite. Estima-se que esses espetáculos giram em torno de R\$ 50 milhões por ano (SAVANACHE, 2010).

Na vaquejada atual o cavalo mais utilizado é o Quarto de Milha, raça que surgiu nos Estados Unidos por volta do ano de 1600, e possui qualidades essenciais para esse tipo de competição, pelo seu temperamento dócil e seu porte físico que é veloz e resistente para a modalidade, por isso os animais são extremamente valorizados. De acordo com a ABQM, os leilões de equinos, voltados para provas de velocidade, movimentam cerca de R\$ 100 milhões por ano. O preço médio de um bom animal gira em torno de R\$ 65 mil, podendo chegar a R\$ 500 mil, no caso de um garanhão ou de uma égua vencedora (ABQM, 2015).

O exemplo para a nossa discussão será o cavalo do Parque Francisco Félix, que fica localizado em Guarabira, PB, distante 76 km da capital, o garanhão Major Eternally Cal (Shad Steel SLN x Suzany Cash AD). O garanhão já se tornou campeão consagrado em vários estados como Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte, está deixando seu legado, tanto nas competições como em hereditariedade, fazendo com que seus filhos alcancem grande índice de preços.

Segundo o proprietário do animal, o jovem Lucas Cavalcante, 27, em entrevista concedida, deu detalhes da aquisição e da atual situação do cavalo:

“O major foi comprado por R\$ 5.000 mil reais na época. Hoje ele já recebeu propostas de R\$ 300.000 mil. Nas coberturas fizemos uma promoção de 1.000 reais cada, e foram muitas vendidas. Ele já

possui mais de 30 filhos espalhados em cidades dentro e fora do estado, sendo o mais caro vendido por mais de 40.000 mil reais, o que aqui para nossa região é um preço muito bom”.

Não poderíamos de deixar de citar a doadora e consagrada Atacama Bryan SA (Blazen Bryan x Santa Rebs Glass), genitora de vários campeões, onde foi à égua mais valorizada no ano de 2014. A reprodutora foi arrematada pelo Haras LM, do estado da Bahia, por R\$ 1,3 milhão, junto com cinco embriões efetivados. Atualmente, seus proprietários disponibilizaram-na para novos lances. O Rancho Horizonte, de Pernambuco, empregaram R\$ 1,1 milhão na fêmea (TEM CAVALOS, 2014).

De acordo com dados fornecidos pelo *Stud Book* da ABQM, o plantel Quarto de Milha Brasileiro é composto por mais de 470.000 animais registrados, representados por aproximadamente de 95.000 proprietários. Desse total, 45.000 são criadores e 26.000 associados cadastrados. Os Haras dispersos chegam por volta de 1 milhão de hectares, onde são avaliados em torno de R\$ 19 bilhões de reais.

São consumidos anualmente cerca de 336 mil toneladas de ração equina, chegando a casa dos R\$ 370 milhões. No último quinquênio o *Stud Book* ainda registrou mais de 110 mil potros. Neste mesmo período, a raça moveu, em leilões pelo Brasil, em torno de R\$ 1 bilhão com a comercialização de aproximadamente 23 mil animais, pela média geral de R\$ 43,4 mil reais (ABQM, 2015).

A mão-de-obra utilizada é bastante significativa, sendo oferecidos mais de 380 mil empregos diretos, cerca de 4 funcionários por Haras/Fazenda, sem contar com empregos fixos, a exemplo dos veterinários, agrônomos, zootecnistas, ferradores, centros de treinamento, centros de reprodução, leiloeiros (pessoa), leiloeiras (empresas), carpinteiros, pedreiros, eletricitas, marceneiros, transportadores de cavalos, fabricantes de equipamentos e indústria de ração e produtos veterinários, entre outros (ABQM, 2015).

Segundo dados coletados pelo Portal Vaquejada (2014), as etapas realizadas calculam cerca de 550 duplas de vaqueiros, que despendem aproximadamente R\$ 1,1 milhão em senhas (uma senha tem em média o valor de R\$ 300,00). Avalia-se

que existiam mais de três milhões de apreciadores deste desporto, que atuam em duas mil competições anualmente, sendo destas 400 oficiais e especulação de capital gira na casa dos R\$ 164 milhões.

4.3 VAQUEJADA: SUA RELEVÂNCIA PARA A PARAÍBA

A pecuária na Paraíba data da época da colonização, à criação de gado desenvolvia-se a cultura de engenhos de cana-de-açúcar. Porém, os grandes proprietários perceberam que os animais devastavam o solo e as plantações. Nisso houve um deslocamento do gado para as regiões interioranas, onde eram criados livres, em um sistema intensivo, que são aqueles em que se possui um grande número de animais por hectare (ATLAS GEOGRÁFICO DA PARAÍBA, 1985)

Atualmente, o principal sistema usual é o extensivo, que tem como principal característica a exploração de grande extensão de terra com poucos insumos, equipamentos e mão de obra. O baixo nível tecnológico desse sistema implica em baixa produtividade da terra, no caso ocupada com pastagens (EMBRAPA 2012).

A partir dessa leitura, entendemos que a vaquejada se origina de uma atividade pecuária, que começa como um trabalho braçal, e vai passando a ser uma festa de desafio entre os vaqueiros até chegar a ser um esporte praticado pelos filhos de fazendeiros (SOUZA, 2014, p.18).

Esporte tipicamente rural e popular, a vaquejada é o resultado de uma vivência diária e da resistência do homem sob o meio em que vive, das tradições fixadas, das suas crenças, suas danças e de tantas outras formas de se expressar sobre os seus costumes. Corroborando com a Constituição Federal, art. 215, § 1º, vem nos afirmar que inclusive "o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais" (SILVA, 2007).

O autor supracitado certifica que a cultura popular é a face mais reconhecida e natural de um povo. Ao mesmo tempo em que trás consigo elementos que são a base, resultam também em um movimento constante e um processo de transformação. Essa tradição é levada hereditariamente, pois as pessoas carregam

consigo o modo de vivencia e, onde quer que estejam, manifestam os costumes adquiridos.

Com a movimentação anormal, a cidade acaba por incorporar o estilo dos seus antepassados, onde “transformam-se” em legítimos “vaqueiros”, com o diferencial da inserção da “modernidade”. Pessoas de todas as faixas etárias e classes sociais passam a incluir apetrechos em suas vestimentas. Qualquer acessório já se torna um detalhe importante, pois o que vale é ter algo que remeta à vaquejada.

A figura do vaqueiro desportista e o seu figurino tornaram-se, nesse contexto, a expressão de mais refinada estética, inspirando *designers* e estilistas no ramo da moda. Essa figura torna-se a expressão mais performática dessa linguagem. Mas vestir-se a rigor não tem suas raízes somente no puro gosto pela posse ou no consumo desses produtos (BARBOSA, 2006, p.81).

Barbosa (2006) vem nos dar detalhes das vestimentas e acessórios adquiridos pelas pessoas para irem às vaquejadas:

[...] bonés com gravuras de boi e de cavalo; chapéu de palha, de couro e de borracha com estampas contendo cavalos; cinto com fivela, expondo figuras de bois e de cavalos em alto relevo; botas de couro; luvas; chicotes e chaveiros. As figuras do boi, do cavalo e do vaqueiro formam a trilogia que povoa o universo visual e performático da vaquejada [...] (BARBOSA, 2006, p. 97).

Em se tratando de tempos atuais, na vaquejada é observada uma mescla quanto ao seu público frequentador. Há aqueles vaqueiros que tiram seu sustento dessa profissão, mas há aqueles médicos, advogados, estudantes, docentes e empresários que fazem do esporte o seu *hobby*. Tudo isso nos vem indicar que já não importa a classe social vigente, o desporto abrange e comporta todas elas.

O vaqueiro desportista dos parques de vaquejada dos dias atuais é aquele que deixou o mato pelas pistas modernas onde faz “valer o boi”, e que não faz do seu cavalo de raça uma simples ferramenta de locomoção, mas uma máquina, racionalmente adestrada, para “fazer dinheiro”; aquele que partilha a maior parte do seu dia com a intimidade do seu cavalo ensinando-o às manobras que o ajudarão a derrubar o boi e a erguer o troféu na arena dos campeões; aquele que, heroicizado pelos contos, cantos e romances, pelo folclore e cordéis, em função dos feitos heróicos, em mata de caatinga, passou a ser campeão nas pistas de vaquejada; aquele que largou o gibão de couro pela calça *jeans* de algodão; que trocou o chapéu de couro pelo boné de grife; as antigas botas de sola de borracha, compradas nas feiras feitas por artesãos conhecidos por modelos industrializados cujas solas expõem sempre um carimbo de *marca registrada* (BARBOSA, 2006, p.109-110).

Com o passar do tempo, as fazendas vão se estruturando de acordo com as inovações e tecnologias que são criadas. O modo de como criam os seus planteis, as infraestruturas e o melhoramento, tanto em genética quanto em profissionalismo, fazem aparecer resultados almejados pelas Fazendas/Haras.

Desta forma, os donos dos parques garantem seus lucros, por meio das inscrições dos vaqueiros nas competições, dos patrocinadores, dos comerciantes informais, os quais colocam barracas com comidas e bebidas dentro e fora dos parques, no consumo que os frequentadores realizam nestas festas, como também na compra de ingressos para os shows que acontecem à noite (SILVA, 2013, p.19).

Na Paraíba, a vaquejada foi reconhecida como modalidade esportiva pela aprovação do projeto de lei nº 10.428, de autoria do deputado estadual Paulo Rogerio De Souza Rêgo, mas conhecido como Doda de Tião (PTB) e com publicação no "Diário Oficial do Estado". O então parlamentar justificou em seu projeto afirmando que a "vaquejada é uma atividade cultural" sendo executada há décadas no Estado e com o passar dos anos se profissionalizou, gerando emprego e renda (AVACG, 2015).

Em solo Paraibano, temos diversos parques de vaquejada com muita bagagem e reputação já consolidada, como também outros, que surgem estrategicamente, e desde seu "ponta pé" inicial buscam uma equiparação. No primeiro caso, podemos contar com o Parque e Haras Ivandro Cunha Lima, já ilustrado anteriormente, que possui mais de duas décadas de grandiosos espetáculos sediados na cidade de Campina Grande, no qual conta com uma mega estrutura no que se diz respeito à pista de competição, shows e premiação (JORNAL DA PARAÍBA, 2016).

Um exemplo muito sólido para o segundo caso seria o Parque Francisco Félix, situado na cidade de Guarabira- Pb, ao qual foi local escolhido para local de pesquisa de campo (imagem 07). Este faz parte do Circuito Estrelas do Brejo², que conta com uma premiação total em mais de 200 mil reais, sendo o local para abertura do evento e é uma das representações Paraibanas que vem alcançando espaço dentre os renomados vaqueiros e representações de equipes.

² Equipe de Vaqueiros Amadores e Fazendeiros de Guarabira e cidades circunvizinhas que se uniram para realizarem 4 vaquejadas em distintos Parques, no qual, cada vaquejada é acumulativa em pontos, e no final do circuito dará premiações e fará campeões.

15 a 17 de Janeiro 2016

ABERTURA

FRANCISCO FÉLIX

GUARABIRA-PB

Categorias: Amador e Aspirante (200,00) e (150,00) SENHAS

Informações, Cadastros, Carteiras e Senhas Antecipadas: (www.estrelasdobrejo.com.br)

+ de 200.000,00

Mais de: 30.000,00 Mil Por etapa

Pagando o Extra e batendo a senha limpa vai para a 2ª Rodada

Prêmio Extra Aspirante e Amador R\$ 50,00 Por senha

Org: Lucas Cavalcante (083) 99924-9007 99138-7122 e 9 8832-4125 Diogo Pacheco (083) 99900-3449 Walter (083) 99613-0976

Imagem 07- Cartaz informativo da vaquejada do Parque Francisco Félix, local de abertura do circuito Estrelas do Brejo.
Fonte: Equipe SECA TUDO

Se levarmos em consideração a vaquejada em comparação com outros segmentos da economia, que geram elevado rendimento, a vaquejada tem uma grande influencia e parcela no desenvolvimento do Estado. Vejamos no quadro a seguir alguns dados levantados pelo IBGE no ano de 2014.

Quadro 01- produção de segmentos agropecuários

PRODUTO	VALOR DA PRODUÇÃO POR TONELADA (R\$)
Cana-de-açúcar	1.005 mil reais
Feijão de cor em grão	5 mil reais
Milho em grão	163 mil reais

Fonte: IBGE, 2014.

Comparado esses dados de arrecadação com os dados da vaquejada, nota-se que se postos em igualdade a lucratividade soa em um tom não muito distante. Por mais que seja audacioso equiparar ramos tão distintos e altamente lucrativos, podemos sim nos referir à vaquejada como uma forma de geração e circulação de grandes valores econômicos.

Os circuitos Paraibanos alcançam grandes índices de giro de capital, pois o dinheiro não circula apenas nos dias do evento e nem apenas dentro das dependências do parque. A cada nova etapa de vaquejada a dinâmica locacional sofre uma alteração positiva. Em um fragmento da entrevista, o empresário Lucas nos repassa as seguintes informações:

A quantidade de dinheiro q gira é muito relativo, depende muito da premiação, tamanho da vaquejada e quantidade de participantes, mas a media é 100.000,00 cem mil reais. Com certeza circula dinheiro fora do parque, há comércios locais, restaurantes, postos, barzinhos, shoppings, cinema, supermercados, padarias... todos se beneficiam do evento.

A atração para patrocinadores vem pelo fato da propaganda, por terem suas empresas divulgadas nos parques de vaquejada. Para os comerciantes, é encontrar no espaço de lazer do parque uma oportunidade de trabalhar e de gerar lucratividade com suas tendas. Já os a população visitante está presentes no parque para prestigiar a festa, consumir bebidas e alimentos e irem aos shows.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inovação cultural advém de um movimento histórico, ou seja, a mesma é conduzida de acordo com as mudanças tecnológicas de cada período. Neste sentido, o capitalismo é o agente principal por este duelo entre tradição e inovação, pois a tecnologia esta “especializada” e se envereda em todos os setores econômicos, assim como nas atividades culturais de lazer

O mercado financeiro se inseriu na vaquejada, fazendo com que esta fosse coagida a avançar junto com as metas capitalistas e tecnológicas, sendo assim, as competições se tornaram mais acirradas entre os haras/fazendas, onde os vaqueiros também seguem o mesmo ritmo, numa corrida que tem o intuito de mostrar *status* e ter um nome reconhecido. Certificamos que os aprimoramentos vieram para somar e deixar a vaquejada mais “modernizada”, mas, salvo o detalhe de que a cultura e a tradição continuam arraigadas na memória e cotidiano dos nordestinos.

No decorrer da pesquisa, notou-se que a vaquejada sofreu uma “metamorfose” no que se diz respeito à questão de infra-estrutura e principalmente na questão econômica, além do cotidiano dos vaqueiros, que tiveram que se adaptarem as novas condições estabelecidas. Constata-se que o esporte deixou de ser somente um trabalho rural, passando a agregar e comportar uma grande quantidade de pessoas de centros urbanos, tornando-se assim uma festa abrangente e mesclada quanto ao seu público.

REFERÊNCIAS

AIRES, F. J. F. O “espetáculo do cabra-macho”: um estudo sobre os vaqueiros nas vaquejadas no Rio Grande do Norte. Natal, RN, 2008.

ANDRADE, M. C. A questão do território no Brasil. São Paulo, Ed. Hucitec, 2ed, 2004.

BARBOSA, E. L. Valeu boi! (O negócio da vaquejada). Teresina, EDUFPI, 2006.

CLAVAL, P. A geografia cultural. Florianópolis, Ed UFSC, 3ed, 2007.

FELIX, F. K. L.; ALENCAR, F. A. G. O vaqueiro e a vaquejada: do trabalho nas fazendas de gado ao esporte nas cidades. Costa Rica, Revista Geográfica de América Central Número Especial EGAL, 2011.

HARVEY, D. A produção capitalista do espaço. São Paulo, Coleção Geografia e Adjacências. Annablume, 2005.

LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. - 5. ed. - São Paulo : Atlas 2003.

LONGO, A. E. Motivações para a evasão de jovens rurais: um estudo de caso a partir da comunidade de Nossa Senhora Aparecida, Marau/RS. Rio Grande do Sul, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento de Ciências Econômicas, 2011.

MAIA, D. S. A feira de gado na cidade: encontros, conversas e negócios. João Pessoa, Revista Formação (online), 2007.

_____ . A vaquejada: de festa sertaneja à espetáculo nas cidades. In: ALMEIDA, M. G.; RATTS, A. J. P. Geografia: leituras culturais. Goiânia, Ed. Alternativa, 2003.

_____ . O campo na cidade: necessidade e desejo (um estudo sobre os subespaços rurais em João Pessoa). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Geociências, 1994.

GERHARDT, T. E. ; SILVEIRA, D. T. Métodos de pesquisa. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

MENEZES, S. S. M.; ALMEIDA, M. G. Vaquejada: a pega de boi na caatinga resiste no sertão sergipano. Sergipe, Ed. Vivência, 2008.

_____ . A representação cultural da vaquejada resiste no sertão sergipano do São Francisco. Sergipe, AL, 2006.

PARAÍBA, GOVERNO DO ESTADO. Atlas geográfico do Estado da Paraíba. João Pessoa, Grafiset, 1985.

SAVANACHI, E. **O milionário mundo da vaquejada**. In: Revista Dinheiro Rural. Edição 68, julho de 2010. Disponível em: <revistadinheiro rural.terra.com.br/secao/agronegocios/o-milionario-mundo-da-vaquejada> Acesso em: 05 de janeiro de 2016.

SILVA, G. K. N. **O espaço do consumo e o consumo do espaço no Município de Macaíba- RN a partir das festas de vaquejada (1980-2012)**. Natal, Universidade Federal do Rio grande do Norte, Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Human Letras e Artes (CCHLA), 2013.

SILVA, R. P.; AZEVEDO, F. F. **A reestruturação produtiva da pecuária bovina leiteira no Rio Grande do Norte e sua relação com o processo de desenvolvimento rural (1990-2010)**. Minas Gerais, Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

SILVA, T. C. **A prática da Vaquejada à luz da Constituição Federal de 1988**. Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 12, n. 1598, 2007. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/10659>>. Acesso em: 8 jun. 2016.

SOUZA, R. G. **Boi no chão, giz na mão: como trazer a vaquejada para sala de aula**. Guarabira, Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

SITES PESQUISADOS

ABQM QUARTO DE MILHA

Disponível em: <<http://www.abqm.com.br/a-raca/origem>>
Acesso em: 05 de junho de 2016.

ABVAQ

Disponível em: <http://www.abvaq.com.br/telas/4>
Acesso em: 07 de maio de 2016.

AVACG

Disponível em: <http://www.avacg.com.br/noticia.php?id=2>
Acesso em: 30 de agosto de 2016.

BRASIL, LEI 10220

Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/LEIS_2001/L10220.htm> Acesso em: 05 de junho de 2016.

DISTÂNCIA DE GUARABIRA A JOÃO PESSOA

Disponível em: <<http://br.distanciacidades.com/distancia-de-joao-pessoa-a-guarabira>> Acesso em: 05 de junho de 2016.

EMBRAPA

Disponível em: <http://cloud.cnpqg.embrapa.br/sac/2012/07/19/467-quais-as-diferencas-entre-sistemas-de-producao-extensivos-semi-intensivos-e-intensivos/>
Acesso em: 12 de setembro de 2016.

EQUIPE SECA TUDO

Disponível em:

https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0ahUKEwjA0ov_393OAhUHPJAKHf9mB8gQjB0IBg&url=http%3A%2F%2Fequipsecatudo.blogspot.com%2F2015%2F11%2Fvaquejada-2016-no-parque-francisco.html&psig=AFQjCNEw3RmXobbE7x4isq10uKcu0zDD9w&ust=1472255138297496

Acesso em: 07 de maio de 2016.

IBGE

Disponível em:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=250630&idtema=3&search=paraiba|guarabira|censo-agropecuaria-2006>

Acesso em: 17 de setembro de 2016.

IBGE

Disponível em:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=250630&idtema=147&search=paraiba|guarabira|pecuaria-2014>

Acesso em: 17 de setembro de 2016.

JORNAL DA PARAÍBA

Disponível em:

https://www.google.com/url?q=http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/noticia/166256_paraiba-concentra-tres-das-10-maiores-vaquejadas-do-pais&sa=D&ust=1475635019089000&usq=AFQjCNEophsgdLkLDA4UP8IROn-ZQdPhKw

Acesso em: 17 de setembro de 2016.

PORTAL VAQUEJADA

Disponível em:

http://www.portalvaquejada.com.br/noticias/2016/03/02/a_vaquejada_impulsiona_o_turismo_de_eventos_no

Acesso em: 07 de maio de 2016.

PORTAL VAQUEJADA

Disponível em:

http://www.portalvaquejada.com.br/noticias/2015/09/01/vaquejada_simbolo_cultural_do_esporte_nordestino?fb_comment_id=923711844368601_924971417575977#fdff95148ad598

Acesso em: 30 de agosto de 2016.

TRIBUNA DA BAHIA

Disponível em: [http://www.tribunadabahia.com.br/2016/05/06/vaquejadas-rendem-r\\$-600-milhoes-movimento-cresce-cerca-de-20-ao-ano](http://www.tribunadabahia.com.br/2016/05/06/vaquejadas-rendem-r$-600-milhoes-movimento-cresce-cerca-de-20-ao-ano)

Acesso em: 07 de maio de 2016.

VAQUEJADA E CIA

Disponível em: <http://www.vaquejadaecia.com.br/verNoticia.php?cod=817> Acesso em: 05 de junho de 2016.

APÊNDICES:



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
LICENCIANDA: JACIELE CRUZ

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA

VAQUEIROS

I-DADOS DO ENTREVISTADO

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: F () M ()

Cidade: _____

Estado: _____

Representação: _____

II-ENTREVISTA

1- A vaquejada pra você é: HOBBY () PROFISSÃO ()

2- Qual a sua categoria? AMADOR () PROFISSIONAL ()

3- O que você acha da vaquejada?

4-Há quanto tempo participa de vaquejadas?

5-O que mais o atrai na vaquejada e por quê?

6-Você acha que ocorreram mudanças na vaquejada? Quais?

7-Como você observa essas mudanças?

8-Em sua opinião, como aproveitar melhor o espaço da vaquejada?

9-Na sua avaliação, a localização do parque de vaquejada é importante?

10-Observando detalhadamente o espaço do parque de vaquejada, você acha que ele pode ser reaproveitado para outras finalidades? Quais?

11-Para você, hoje, a vaquejada é mais rural ou urbana? Por quê?



UEPB

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
LICENCIATURA EM GEOGRAFIA
LICENCIANDA: JACIELE CRUZ

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA

PROPRIETÁRIO

I-DADOS DO ENTREVISTADO

Nome: _____

Idade: _____

Sexo: F () M ()

Cidade: _____

Estado: _____

II-ENTREVISTA

1-Como são feitas as inscrições?

2-Quanto em dinheiro gira em torno do evento?

3-A vaquejada foi patrocinada?

4-A casa de show garante o dinheiro investido?

5-Você acha que circula dinheiro fora das dependências do Parque?

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Dulce Resende Carvalho, CPF 06892261431, RG 3253656, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), **AUTORIZO**, através do presente termo, a pesquisadora **JACIELE CRUZ SILVA** de projeto intitulado **“UM GALOPE NO TEMPO E NO ESPAÇO DO NORDESTE BRASILEIRO: A VAQUEJADA E SUAS METAMORFOSES”** a realizar as fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Guarabira, 27 de 09 de 2016.

Jaciele Cruz Silva
Pesquisador responsável pelo projeto

Dulce Resende Carvalho
Sujeito da Pesquisa